
MS. WILKINSON CALLED ME NEPHEW
BLADEFREGA

MS. WILKINSON ME CHAMOU DE SOBRINHO

THE FAMILY · 12

É um domingo quente, 23 de agosto de 2026, parecido com tantos outros.

Um almoço rápido não é concessão, é ritual. Um breve descanso à tarde é exceção, concedida apenas para deixar que os níveis anormalmente altos da produção matinal de dopamina voltem ao normal depois de um acontecimento inesperado: hoje, o Bing colocou uma das minhas páginas em primeiro lugar na web para uma busca ligada à minha mãe, Gillette.

Do segundo lugar, meu avô observa, e sorri.

Não parece bravo.

Hoje descobri também que King Camp Gillette deixou este mundo em 9 de julho de 1932.

No instante em que li a data, quase pulei da cadeira.

Meu próprio projeto, a gillettenarrative.com, nasceu em 9 de junho de 2026.

Noventa e quatro anos depois da morte dele.

E, segundo os acordos que fiz comigo mesmo, trinta e três anos antes da minha própria partida prevista para 2058.

Quando as datas começam a convergir, quando começam a se encaixar com uma precisão inesperada, somos tentados a acreditar

que talvez haja outro algoritmo em ação — um algoritmo cuja aparência pouco se parece com aqueles a que nos acostumamos.

Como sempre em momentos assim, sou acompanhado por jazz em inglês.

É a única música que minha mente recebe naturalmente agora que os violões e os bandolins da minha família se calaram pelas leis comuns da natureza.

Depois abro o e-mail.

Um golpe seco chega direto ao coração.

Samantha escreve de Londres.

É a neta de Ms. Wilkinson.

Minha tia Maggie.

A dama das espadas cruzadas.

A mulher que, não faz muito tempo e diante de toda a família dela, me chamou de sobrinho.

A mensagem dela é simples.

Ms. Maggie Wilkinson faleceu.

A pedido dela, que me conhecia o bastante para antecipar minha reação, a notícia só foi dada depois do sepultamento.

Somos ingleses.

Uma lágrima encontra seu lugar.

A morte nunca é uma coisa bonita.

É simplesmente algo que a gente nunca espera de verdade.

Entre todas as mulheres que conheci na vida, essa tia adquirida ocupou apenas um capítulo breve.

Ainda assim, o papel dela foi essencial.

Ela me ajudou a entender que a aristocracia não está exclusivamente em títulos, brasões ou privilégios herdados.

Está nas maneiras.

Está no comportamento.

Está naquela qualidade que os falantes de inglês costumam chamar de aplomb.

Existe uma palavra mais simples para isso.

Classe.

Escrevo esta carta para ela.

Para a família dela.

Para mim.

Para cada leitor que um dia talvez chegue até aqui.

E começo com uma única frase, guardada de cor:

Somos o que somos por causa das pessoas que encontramos, e ninguém pode tirar isso de nós.

A literatura médica costuma abusar de uma autoridade concedida de bom grado por pacientes que precisam de certezas.

Com frequência nos diz o que é conveniente.

Mais raramente, o que é importante.

Dizem que as crianças, do nascimento aos cinco anos, não possuem memórias.

Que não conseguem retê-las porque as estruturas cognitivas necessárias ainda não se desenvolveram.

Segundo essa teoria, cada um de nós deveria carregar cinco anos de escuridão.

E, no entanto, eu me lembro dos tapas da minha mãe.

Eu me lembro dos tapas das professoras do jardim de infância.

Não me lembro dos números.

Começavam pares e nunca terminavam ímpares.

Os golpes que recebemos quando adultos funcionam mais ou menos do mesmo jeito.

Ninguém os conta.

A memória não os arquiva como estatística.

Ela os deposita em silêncio dentro da alma.

E, anos depois, os retira em forma de escrita.

Adeus, tia Maggie.

Que você seja bem recebida onde quer que sua viagem continue agora.

As espadas continuam cruzadas até o dia em que você passar por baixo delas.

Adeus.

Seu sobrinho.

Ferdinando Frega
Gillette Man ⚔️